

Bloco de Notas

Os dilemas dos intelectuais árabes

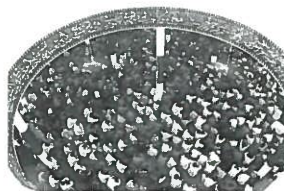
A queda do regime iraquiano está a provocar ondas de choque no mundo árabe. Um israelita, Zvi Bar'el, olha para esta questão num artigo publicado no *Ha'aetz*, partindo de outros artigos e opiniões expressas por intelectuais árabes. Um deles, um investigador jordano, refere um dilema: devem as sociedades árabes deixar que elementos estrangeiros lhes imponham a democracia, correndo o risco de, por exemplo, ver “elementos antidemocráticos chegar ao poder” (como os xiitas que defendem uma república islâmica no Iraque)? Ou devem deixar os seus líderes continuarem, como até aqui, impedindo “a infiltração de influências estrangeiras”? O dilema, neste caso, será: “aceitar os valores do Ocidente agressivo ou lutar contra eles e sermos considerados atrasados?”. “Este tipo de conversa poderá ajudar a mudar as lideranças árabes a partir do interior?”, pergunta por seu lado um intelectual egípcio. “Poderá conduzir a uma reflexão sobre a separação entre a religião e o Estado para evitar o perigo da chegada ao poder de um Islão radical?”. Este intelectual crítico conclui com uma ironia sobre a sua própria “classe”: “Parece que a melhor coisa que poderia acontecer aos nossos intelectuais perplexos seria a tradicional ocupação do Iraque, uma situação que permitisse os habituais ataques e apelos a uma intifada [...] Se, Deus não permita, o Iraque se tornar uma democracia, estes tipos não conseguirão ganhar a vida”. ■



O desafio xiita no Iraque

Parece inevitável que os EUA e os xiitas do Iraque se encontrem, em breve, envolvidos numa luta pelo poder. A afirmação é de Patrick Seale, analista do Médio Oriente e colunista do diário libanês *The Daily Star*. “Os xiitas são a única força indígena capaz de desafiar a presença militar americana, e, por outro lado, o exército americano no Iraque é a única força capaz de impedir que os xiitas tomem o poder”. Para Washington a situação apresenta-se complexa: se permitir que a militância xiita se desenvolva sem restrições, poderá vir a assistir a uma revolução islâmica, seguindo o modelo do Irão; mas se tentar reprimir os xiitas por meios militares, poderá ver-se confrontado com um levantamento popular de consequências imprevisíveis”, avisa Seale. ■

TheDailyStar
Your Lebanese Newspaper in English
On line



Religiões e civilizações

Um artigo extremamente interessante do conhecido especialista em questões árabes Bernard Lewis no site da revista *Atlantic Monthly* coloca a questão das religiões e das civilizações, do Ocidente e do Islão. Apenas duas ideias, das muitas que o texto analisa: durante muito tempo o mundo ocidental moderno definiu-se em primeiro lugar pela nacionalidade, escreve Lewis, e viu as outras identidades – religiosas, políticas – como subdivisões. Os atentados de 11 de Setembro “tornaram-nos conscientes de outra percepção – a de uma religião subdividida em nações em vez de uma nação subdividida em religiões”. O Cristianismo e o Islão, prossegue o autor, “são as duas religiões que definem civilizações”. Mas há uma diferença curiosa que Lewis sublinha: no primeiro caso existem duas palavras, “cristianismo” e “cristandade”, que permitem diferenciar a religião propriamente dita, e a civilização “que incorpora elementos que são não-cristãos ou mesmo anti-cristãos”. No caso do Islão “usamos a mesma palavra tanto para a religião como para a civilização, o que pode levar a mal-entendidos”. ■



Alexandra Prado Coelho

A independência do Montenegro

Chegou a altura de se adoptar novas políticas em relação ao Montenegro, defende o Internacional Crisis Group no seu último relatório. Apesar das intervenções da comunidade internacional terem tido “resultados positivos significativos” nos últimos anos – o apoio ao Governo pró-ocidental de Djukanovic, ou às reformas democráticas e económicas na república – “os esforços para promover a estabilidade regional têm sido prejudicados pela obsessão desnecessária em manter a Sérvia e o Montenegro num único Estado”. O ICG considera que esta não é a melhor maneira de construir a estabilidade. Segundo o documento, “o acordo entre a Sérvia e o Montenegro só parcialmente aborda o futuro da defunta República Federal da Jugoslávia e não representa uma solução estável para os territórios do antigo Estado”. Por isso, a organização defende claramente que “a comunidade internacional não deve continuar a opor-se à independência do Montenegro, e deve estar preparada para apoiar qualquer solução que a Sérvia e o Montenegro encontrem para a sua futura relação”, incluindo a separação. ■

